

## Copa do mundo 2014 – diferentes opiniões sobre as obras públicas<sup>1</sup>

### *World Cup 2014 - different opinions on public works*

Silmara Dencati Santa Rosa<sup>2</sup>

Marineide da Silva<sup>3</sup>

Maria Auxiliadora Amario Gonçalves<sup>4</sup>

Célia dos Santos Silva<sup>5</sup>

Débora Maria Bezerra dos Santos<sup>6</sup>

**RESUMO:** Este artigo trata de assunto muito polêmico e atual: as obras da copa do mundo e suas repercussões na mídia e na opinião de pessoas comuns, que sofreram por mais de dois anos com a construção das obras de mobilidade urbana e viram a construção de estádios grandiosos para o mundial de futebol, e que acham que o dinheiro deveria ser mais bem investido, como na saúde, na educação e na segurança. Notamos que opiniões existem de diferentes formas, e que os problemas no Brasil não surgiram somente depois do início das obras, eles são mais antigos.

**Palavras-chave:** copa do mundo; Brasil; obras de mobilidade; cognição social.

**ABSTRACT:** This article is related to a very current and controversial issue: the works of the world cup and its repercussions in the media and in the public opinion, who have suffered for more than two years with the constructions related to urban mobility and watched the construction of massive stadiums for the World Cup. People who think that the money invested could be of better use, as in health, education and security. We notice that opinion may vary, and that problems in Brazil did not arise only after the commencement of works, they are older.

**Keywords:** world cup; Brazil; mobility works; social cognition.

Este estudo visa apresentar as diferentes opiniões que circularam nas redes sociais e nos grupos de discussão, por todos os lugares, sobre as obras de mobilidade urbana para a Copa do Mundo no Brasil em 2014. Num momento em que nosso país sedia o maior evento esportivo do mundo - a Copa do Mundo - presenciamos e participamos também de uma verdadeira “enxurrada” de informações e de opiniões que nos atinge em todos os setores de nossas vidas.

---

<sup>1</sup> Esta discussão surgiu a partir de conversas entre as autoras, que são professoras na mesma escola da rede estadual de ensino, do Estado de Mato Grosso.

<sup>2</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso; Professora do ensino fundamental e do ensino médio na Escola Estadual Dr<sup>o</sup> Mário de Castro - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. E-mail: silmaradencati@bol.com.br.

<sup>3</sup> Pós-graduada com especialização em Educação Infantil, Alfabetização e Letramento, pela Faculdade de Ciências, Educação e Tecnologia Darwin (FACETED) de Cuiabá; Professora do ensino fundamental na Escola Estadual Dr<sup>o</sup> Mário de Castro - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

<sup>4</sup> Pós-graduada com especialização em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental pela FTED – Faculdade de Tecnologia Darwin, em parceria com o IFE – Instituto de Formação e Educação, de Cuiabá; Professora do ensino fundamental na Escola Estadual Dr<sup>o</sup> Mário de Castro - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

<sup>5</sup> Pós-graduada em Educação Infantil e Letramento e em Psicopedagogia Clínica pelo ICE de Cuiabá; Professora da educação básica no Centro Emergencial de Educação Infantil (CEMEI – Jean Carlos) - Cuiabá, Mato Grosso, Brasil.

<sup>6</sup> Licenciatura Plena e Bacharel em História pelo Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso; Professora da Escola Estadual Miguel Baracat - Várzea Grande – Mato Grosso, Brasil.

Verificamos uma profusão de opiniões, de críticas e de informações produzidas por uma minoria e veiculadas na mídia, o grande meio de difusão de ideias e de produção de novas opiniões. Para a análise e entendimento desse momento, buscamos o apoio teórico da psicologia social, que é uma ciência responsável pelo estudo das influências das situações de interação entre os indivíduos, com atenção especial para a maneira como encaramos e afetamos uns aos outros. Para Aroldo Rodrigues (2003), a psicologia social é o estudo das manifestações comportamentais suscitadas pela interação de uma pessoa com outras pessoas, ou pela mera expectativa de tal interação. Assim, é o estudo científico das relações humanas e suas interações com outros indivíduos e grupos sociais, sendo influenciado pelo meio externo e pela interação social no processo de socialização.

O homem enquanto ser social, vivenciando diferentes formas de relação social, está sempre em movimento, em transformação. Tem atitudes diversas, faz o reconhecimento ao seu redor e a percepção das coisas que o cerca. Dessa maneira, ao desempenhar o seu papel no convívio social, influencia e é influenciado ao mesmo tempo, pois ao interagir nessa parceria social absorve conteúdos do mundo externo, mudando assim muitas vezes a sua opinião.

A psicologia social usa o conceito de cognição social para explicar os modos pelos quais as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre as coisas, e assim formam impressões acerca de outras pessoas ou grupos sociais, explicando comportamentos e eventos, através do processamento da informação social. Sobre a definição de cognição social, Flavell, Miller e Miller (1999) salientam que:

A cognição social toma os humanos e seus afazeres como sujeitos; ela significa a cognição sobre pessoas e suas ações. As máquinas, a matemática e os julgamentos morais são objetos e produtos da cognição humana, por exemplo, mas somente os últimos seriam considerados um tópico dentro da cognição social humana. A cognição social lida com o mundo estritamente social, não com os mundos físicos e lógico-matemático, embora todos os três tenham as marcas do engenho humano (p. 145).

Analisando alguns autores sobre a cognição social, Maria Cristina Ferreira (2010) diz que há questões-chaves sobre a cognição social, por exemplo, se ela é automática ou controlada, se tem a influência da motivação e do afeto. Há a questão da limitação das pessoas ao processarem informações, que utilizam certas estratégias e recursos para o armazenamento da enorme e complexa rede de informações sociais que recebem em seu dia a dia, e, assim, podem cometer erros e distorções em suas tomadas de decisões. Dessa forma, os julgamentos são automáticos, espontâneos, conscientes e reflexivos, dependendo da motivação do momento.

A partir do processo de interação que se origina do senso comum, no contexto das interações e comunicação interpessoais, as representações sociais se modificam na medida em que novos significados se agregam à realidade, dando sentido ao desconhecido e o transformando em algo familiar (Ferreira, 2010).

Neste sentido, consideramos o resultado da propaganda direcionada e da influência dos meios de comunicação sobre as massas, considerando ainda que a sociedade é inconstante e mutável, e que assimila as informações de diferentes formas. A mesma mensagem pode ter interpretações diversas, dependendo dos valores pessoais que cada indivíduo possua. De acordo com Tuzzo e Braga (2009):

A mídia transmite informação de modo pasteurizado, único, desconsiderando as diferenças entre os grupos de indivíduos que as recebe. A mídia trabalha para a massa e não para os públicos. As

representações sociais caracterizam-se nesse contexto como uma forma de resistência, uma forma de contracultura, procurando ter voz numa sociedade que legitima os meios de comunicação de massa, mas é resistente às novas formas de expressão social (p. 144).

A análise destes autores demonstra que a “opinião pública não é a expressão da massa, mas a visão daqueles que podem ter expressão na massa, como os líderes de opinião” (p. 147). Dessa forma, a partir de uma exposição das ideias “desses grupos e das representações sociais pela mídia, por exemplo, são extraídas da massa as ideias que ela conseguir articular e recolocadas na mídia como reafirmação daquilo que grupos minoritários e articulados, (...) desejam que se acredite ser a opinião de toda a sociedade” (Tuzzo & Braga, 2009, p. 147)

Para Moscovici (1978), as representações sociais são representadas como uma característica da sociedade moderna, demonstrando diversos centros de poder que exigem autoridade e legitimidade. Segundo Moscovici (2003, p. 17), “as representações sociais podem, neste sentido, ser vistas como a forma e como a vida coletiva se adaptou a condições descentradas de legitimação”.

Na perspectiva de Monique Augras (1970, p. 11), “a opinião é um fenômeno social. Existe apenas em relação a um grupo, é um dos modos de expressão desse grupo e difunde-se utilizando as redes de comunicação do grupo”. Pode-se dizer que a opinião tem sua origem nos grupos e esses grupos transformam-se em públicos quando se organizam em torno dos temas de discussão e de interesse público.

Conforme Tupã Correa (1988, p. 43), a opinião pública tratada como um processo intelectual, “iniciado com o surgimento de questões de interesse comum, submetidas aos diferentes pontos de vista, seguidas pela deflagração da controvérsia, derivando esta em soluções alternativas, cuja opção sugere o acordo”. Neste contexto, verificamos que a opinião pública é excitada por oradores que se preocupam em formar novos estímulos nas massas. Na perspectiva de Giovana Olicshevis (2006), a influência dos grupos que formam a opinião pública significa a expressão de uma dominância objetiva que chega a uma conclusão comum, assim, a “opinião pública, desta maneira, voltam-se mais a encobrir interesses privados do que a esclarecer” (p. 98).

Corroborando com as análises e a conceituação sobre a opinião pública, a nossa observação retoma o momento inicial do evento e constatamos que a mídia é em grande parte a causadora de tamanha euforia e agitação dos ânimos dos torcedores e entusiastas em sediar o mundial. As pessoas se deixaram envolver pelas informações que diariamente bombardeiam o noticiário, os programas de entrevista, as redes sociais etc. A repercussão do que se quer que seja a opinião pública, a vontade da massa é difundida por esses veículos de informação, transformando-se em “a opinião da massa”. Neste ínterim, percebemos que todos, ou seja, quase todos, não generalizando, formam o que entendemos por opinião do senso comum, repetindo o que escutam sem fazer uma análise crítica, ou emitindo um juízo de valor pensado a fundo, analisado, como um ser pensante e politicamente ativo faria.

Durante a preparação para o mundial, sempre vimos as notícias sobre as “obras da Copa”, e quase unânimes diziam que havia atrasos na execução. Trazendo a informação para a nossa realidade, em nossa cidade, Cuiabá, houve atrasos e muito atraso mesmo, chegando à triste realidade de não serem concluídos nem a metade dos projetos que foram iniciados.

A constatação, de que estas obras não ficariam prontas, ocorreu muito antes do evento, devido à morosidade da execução. As pessoas na sociedade comentavam que não

ficariam prontas e o mantra de que não haveria Copa em Cuiabá se propagou pelas redes sociais e rodas de conversa, fazendo até o mais “confiante ser” titubear em sua afirmação de que tudo estaria pronto.

As informações repassadas pelos responsáveis pela execução das obras eram que tudo ficaria pronto, depois que ficariam prontas quase tudo, ficando sem conclusão apenas a obra do VLT – veículo leve sobre trilhos, que foi iniciado, mas não teve nem metade de sua execução completada, e que hoje, acreditamos, com muita esperança, que em dois anos esta grande obra seja concluída.

A constatação de que realmente as obras não ficariam prontas em Cuiabá foi mais concreta no último mês que antecedeu o mundial. Não tinha mais jeito, principalmente quando assistimos nos últimos dias à preparação dos canteiros centrais, que há muito tempo estavam cercados por tapumes, sendo preparados, ou melhor, sendo maquiados, com o plantio de grama e paisagismo, para esconder obras inacabadas. Era como se jogassem um balde de água fria em nossos ânimos. E a pergunta que não se calava era: como Cuiabá vai sediar os jogos e comportar tantas pessoas nos dias dos eventos sem estar pronta? O questionamento era pertinente, pois até para a população moradora da região estava difícil a locomoção na cidade. Porém, como num passe de mágica, ocorreu tudo bem durante os jogos aqui em nossa capital. Surpresos? Sim, ficamos. E muito. Pois até uns poucos dias antes, ainda escutávamos o mantra conhecido de todos: “não vai ter Copa”. E teve, até sem imprevistos, sem grandes escândalos que pudessem nos deixar mais envergonhados do que a não conclusão das obras, que foram iniciadas justamente para melhor receber e recepcionar o grande número de turistas em nosso país.

Percebemos que, no momento em que o evento está acontecendo, as opiniões pareciam se acalmar um pouco, pois a maioria parece que despiu o espírito crítico e vestiu a camisa da seleção brasileira. O povo brasileiro não renegou a fama de povo hospitaleiro, simpático e amigo. Isso é fácil de constatar assistindo noticiários ou verificando o resultado de pesquisas. Conforme a análise que a atriz e colunista Fernanda Torres (2014) fez sobre o mundial, “a sociedade funcionou. Os aviões saíram na hora, não houve derramamento de sangue, arrastões ou grandes rebeliões. Fomos hospitaleiros e enérgicos na investigação da venda ilegal de ingressos”.

Essa declaração é interessante e merece uma observação. Primeiro chamaremos a atenção para o bom funcionamento dos aeroportos, e para a declaração de que “os aviões saíram na hora”. Há quanto tempo mesmo assistimos nos noticiários nacionais sobre o problema dos aeroportos? Que não funcionam direito no Brasil, que há muitos atrasos e cancelamento de voos. Por que será que só com o mundial resolveram o problema? O Brasil, ou melhor, o povo que paga impostos neste país não merecia por si só esta mudança? Outro ponto que nos chama a atenção é pelo fato de ter ocorrido, principalmente no último ano que antecedeu o mundial, um grande número de protesto e de manifestações reclamando sobre a política brasileira e o descaso dos responsáveis políticos por questões que atingem o país em sua totalidade: a educação, a saúde e a segurança, eram as principais reivindicações dos manifestantes, o grande erro, ou o problema dessas reivindicações e também de muitas pessoas de forma individual, que escutamos emitindo a sua opinião, influenciada muitas vezes pela mídia e pelo senso comum, não foi o de reclamar sobre a corrupção política e o descaso que acomete o país, mas foi o de culpar as obras chamadas “da Copa” por não ter educação em nosso país. Ouvimos tanto: “não vai ter copa”, “para estádio de futebol tem, mas para a educação não”, ou para a saúde, e por aí vai. O brasileiro reclamou e muito das

obras feitas para a Copa do Mundo. Mas quando ele torceu pelo Brasil, para ser escolhido, e quando ele vibrou pela confirmação da escolha, ele não pensou que seria assim? Que se construiriam novos estádios, centro de treinamentos, e muitas outras obras exigidas pela FIFA? Não pensou? E será que estas pessoas que tanto acusam o governo por desperdício de dinheiro acham que somente agora temos problemas na educação, saúde e segurança? O problema é muito mais extenso e muito mais antigo. Sempre tivemos este problema em nosso país, e precisamos entender que a Copa não foi responsável por nossos problemas internos, eles já existiam, há muito tempo convivemos com o descaso dos governantes por estes tópicos levantados pelos protestos e manifestações. Não é somente agora. A acusação parece querer dizer que tudo estava muito bem, até que, do nada, ou melhor, depois que se iniciou a construção das obras da Copa, começamos a ter problemas em setores da sociedade, que verbas foram desviadas. E não é isso o que aconteceu.

E o legado que está ficando para as cidades? Aqui em nossa capital, por exemplo, estão ficando muitas obras que realmente eram necessárias, principalmente as obras de mobilidade urbana, e que sem a escolha de Cuiabá para sediar o mundial elas não seriam colocadas em execução, ou se fossem seriam em proporções menores, devagar. Não seria assim às pressas, de uma vez só. É lógico que não podemos deixar de dizer da decepção com o atraso e não conclusão de muitas obras, e que ficaríamos muito mais felizes se nossa capital estivesse toda pronta, arrumada, linda para a recepção dos turistas e para nossa maior comodidade e orgulho. Não estava pronta, porém o evento ocorreu tranquilo e Cuiabá, apesar de não estar pronta, foi elogiada, contrariando, mais uma vez, a expectativa quase geral do “vexame” que passaríamos.

Percebemos que o mundial era desejado por muitos brasileiros que se sentiram privilegiados em sediar um evento dessa proporção, de tamanha grandiosidade. Como vivenciamos na nossa capital – Cuiabá, que foi sede de quatro jogos na primeira fase, desde o início, na fase de indicação, e depois, na fase de confirmação de ser escolhida como cidade sede, a euforia foi grande, tanto por parte da população em geral, como pelos representantes políticos e também pela classe empresarial. Tamanha foi a euforia, ainda maior foi o investimento e o planejamento das obras de mobilidade urbana e da construção dos estádios e os outros compromissos assumidos com a FIFA para a realização do mundial.

O Brasil virou um canteiro de obras, e em Cuiabá não foi diferente. Passamos da euforia inicial para a parte em que as críticas foram se construindo, primeiro com a demora do início das obras, e após o começo sobre a morosidade com que vinham se desenrolando aqui em nossa capital, principalmente. Ouvimos muito, e também nos preocupamos, pois queríamos nossa cidade pronta, nosso país preparado para esse evento, mas infelizmente não ficou tudo pronto, e mais uma vez o “jeitinho brasileiro” entrou em cena para conseguir minimizar os problemas com muita simpatia e bom humor.

Mas não podemos deixar de registrar opiniões como esta abaixo<sup>7</sup>, foi o que mais escutamos, por mais de um ano:

O Brasil foi contemplado com um dos maiores eventos do mundo. Muitos acreditam que o país só teve a ganhar com essa grandiosidade, enquanto outros criticam e condenam por envolver gastos bilionários. As divergências de opiniões são muitas. O mundial não favoreceu as calamidades que encontramos na saúde, na educação e na segurança. A situação desses setores

---

<sup>7</sup> A opinião está sem identificação, pois a pessoa não quis se identificar, mas para o nosso propósito de mostrar o pensamento da população em relação às obras do mundial em nossa cidade, atende perfeitamente.

já estava péssima muito antes de se falar em copa do mundo no Brasil. O que provoca a revolta da população é o fato dos governantes usarem esse evento como instrumento de corrupção. A forma como o dinheiro público é usado é o que deixa o povo indignado. Se não fosse esse momento, as nossas cidades não teriam esse avanço que estão tendo com essas obras. Nenhum governo faria essa quantidade de obras com reformas e ampliações de construções. O problema maior, além da péssima administração, da falta de planejamento e o costumeiro superfaturamento, é a velha questão do desvio do dinheiro público. O Brasil é o país da corrupção, infelizmente temos que conviver com esta realidade. A copa do Brasil foi a mais cara do mundo, e é um dinheiro que daria para melhorar a saúde e a educação, que foi aplicado apenas em um campeonato esportivo. E para aumentar a indignação dos brasileiros, a nossa presidente foi capaz de isentar a FIFA do pagamento de impostos, mas por que isentar uma grande empresa, rica e bem posicionada, e todos nós temos que arcar com o pagamento de uma carga tributária tremenda neste país?

Verificamos que a pessoa não julga que os problemas do nosso país sejam por causa da copa do mundo e de suas obras, mas ela acha que o dinheiro investido no evento poderia ser usado para resolver estes problemas, além de não termos que conviver com a corrupção política existente em nosso país. Abaixo outra opinião<sup>8</sup>:

É engraçado quando paramos para pensar sobre algumas coisas, fiquei um tempo reclamando/culpando a Copa do Mundo pelos problemas frequentes do país...Mesmo não sendo fã do esporte e achando um absurdo todo esse gasto público proveniente do evento. Ocorre que os problemas na saúde, educação, infraestrutura e outras áreas já existiam bem antes da Copa, e nós fomos sempre tão pacíficos quanto a isso, deixando de protestar, votando nas pessoas erradas, etc. Esse evento cheio de falhas se tornou apenas um "filho feio" para culparmos por toda nossa inércia. Não me lembro de em 2010 ver pessoas reclamando da vinda da Copa para Cuiabá, muito pelo contrário, vi pessoas ofendendo o Estado do Mato Grosso do Sul, nosso vizinho e concorrente, só para que a nossa capital fosse uma das sedes. A culpa é mesmo desse evento? Fazendo um adendo, a pior besteira que já ouvi foi esse "Não Vai Ter Copa", não digo isso com relação aos protestos (protestos inteligentes), mas sim em visão econômica, pois todo o dinheiro para as obras já foi emprestado e se alguns não sabem a Copa gera dinheiro para o país, que é uma das poucas maneiras de receber esse retorno mínimo de dinheiro.

Então, verificamos que por mais que existam diferenças nas opiniões, elas expressam a indignação da população, os problemas em nosso país, em nosso estado, que há muito sentimos, e ao entrar governo e sair, as promessas de campanha continuam não cumpridas. Reflete a vontade da população em viver numa sociedade mais organizada e justa. E também demonstra que não adianta apenas reclamar, a solução para o nosso país pode começar agora. Num ano eleitoral em que podemos começar a fazer diferença, votar consciente, e se os políticos não nos representam, vamos trocar e tentar acertar. Se não acertamos, não vamos reeleger, vamos trocar novamente. Achamos que a nossa "salvação" está no poder do voto, e que este voto tem que ser consciente para valer a pena lutar e reivindicar direitos que temos, enxergando soluções para nosso país.

## Referências

- Augras, M. (1970). À procura do conceito de opinião pública. In *Opinião pública: teoria e processo* (Cap. I.). Petrópolis: Vozes.
- Correa, T. G. (1988). *Contato imediato com a opinião pública: bastidores da ação política*. São Paulo: Global.

---

<sup>8</sup> De um estudante de graduação em gestão pública e servidor público estadual.

- Ferreira, M. C. (2010). A Psicologia Social Contemporânea: Principais Tendências e Perspectivas Nacionais e Internacionais. *Teoria e Pesquisa*, 26(n. especial), 51-64. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v26nspe/a05v26ns.pdf>.
- Flavell, J. H., Miller, P., & Miller, S. A. (1999). *Desenvolvimento cognitivo*. Porto Alegre: Artmed.
- Moscovici, S. (1978). *A representação Social da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. (2. ed.) Petrópolis: Vozes.
- Olicshevis, G. (2006). Mídia e opinião pública. *Revista Vernáculo*, (17/18). Recuperado de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/vernaculo/article/viewFile/20423/13603>
- Rodrigues, A. (2003). *Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana*. (9a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Torres, F. (2014). *Apagão*. Folha de São Paulo. Recuperado de <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/fernandatorres/2014/07/1483757-fernanda-torres-apagao.shtml>
- Tuzzo, S. A., & Braga, C. F. (2009). Representações sociais e opinião pública: interfaces conceituais. *Revista Anhanguera*, 10(1), 135-150.

Apresentação: 25/06/2014

Aprovação: 16/07/2014